

28 MAI 1989

É recebendo que se perde

Ricardo Noblat

Ao entrar no final da tarde da última quarta-feira para despachar em seu gabinete no Anexo IV da Câmara dos Deputados, o jovem Luiz Eduardo Magalhães, filho do ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, foi informado pela secretária de que o prefeito de Ibirataia lhe telefonara. Ibirataia é um município de 207 quilômetros quadrados com 24 mil habitantes, encravado na região leste da Bahia.



Ali, como candidato a deputado pelo PFL, Luiz Eduardo obteve centenas de votos nas eleições de 1986. O prefeito de Ibirataia deixara dito com a secretária que queria conversar com o deputado sobre sucessão presidencial. Contou que fizera uma pesquisa na cidade e que desejava comentar seus resultados. "Ih, já imagino o que pode ser", observou o deputado. Luiz Eduardo desconfiava de que Ibirataia tinha "collorido".

Estava certo. O prefeito queria dizer-lhe que se sentia pressionado pelas bases dele a aderir à candidatura a presidente do ex-governador Fernando Collor de Mello. Como aderiu o senador João Castelo (PFL—MA), que gastou saliva durante meia hora junto a um amigo para justificar, por todas as razões políticas, econômicas e sociais conhecidas, seu gesto recente. Perdeu tempo. Poderia ter gasto só um minuto.

Bastaria que revelasse a única razão pela qual muitos senadores, deputados e prefeitos estão correndo para os braços do ex-governador de Alagoas: ele está na liderança folgada das pesquisas sobre intenção de voto. Os adversários começam a admitir, na intimidade, que Collor deverá classificar-se para segundo turno da eleição presidencial de novembro. Os mais assustados já conseguem vê-lo eleito por maioria absoluta no primeiro turno.

Collor firmou-se como candidato a presidente em cima de coisas que são hoje a antítese dos políticos em geral, e dos que mandam no governo e no Congresso em particular: moralidade administrativa, combate ao empreguismo e ao inchaço da máquina governamental,

coragem para decidir e para confrontar instituições e hábitos envelhecidos. Oferece-se como o candidato mais anti-sistema, antigoverno e antipolítico.

No momento, não interessa discutir se ele é, de fato, tudo isso ou se não passa de um falso brilhante capaz de enganar as pessoas durante certo tempo — o suficiente, talvez, para que ganhe a eleição. Por enquanto, não está em questão o oportunismo político que o levou a trocar o PDS do candidato derrotado a presidente Paulo Maluf pelo PMDB, que o elegeria governador no rastro do engodo que foi o Plano Cruzado.

E que, mais tarde, o empurraria a abandonar o PMDB desgastado por seus próprios erros e pelo fracasso do Plano Cruzado para apresentar-se como o franco-atirador, que rejeita a companhia dos políticos em baixa diante da sociedade e que se vale de uma legenda de aluguel para se lançar candidato a presidente. Venceu, com eficiência notável, a imagem de ser o inverso de tudo que aí está — e isso, aqui, é o que interessa.

Parte de tudo que aí está começa a se filiar ao projeto de Collor de ganhar a presidência da República — e a contradição que isso estabelece não é boa para ele. Os políticos que estão saltando na frente em direção ao ex-governador se limitam a ser fiéis a um dos traços da vocação deles — a de se aliarem, em qualquer tempo e em qualquer situação, a quem possa lhes assegurar a perspectiva de manter ou de vir a ser poder.

São os punguistas de candidatos em alta. Não se lhes importa se o candidato está preparado ou não para exercer as atribuições do cargo que disputa, se é um formulador de idéias ou se apenas repete o que lhe ditam, se dispõe ou não de soluções factíveis para os principais problemas que poderá vir a enfrentar. A eles importa que o candidato possa ou vá vencer. Foi assim que ocorreu com o presidente Tancredo Neves.

Às vésperas de ser eleito, ele se preocupava em evitar a unanimidade que não lhe interessava. Rejeitava apoios. Tancredo tinha biografia, densidade política e um projeto para o país. Collor não tem nada disso — e vive o drama de precisar de apoios e de correr o risco de ser desmistificado por recebê-los. Aos poucos, vai-se tornando cada vez mais difícil para ele fazer de conta que não é e que não será o candidato da direita.